

Fabricação de sentidos na Sociedade da Informação: As contribuições de Blikstein e Costella como novos desafios na comunicação contemporânea¹

Pedro FARNESE²
Ademir VERONEZE³
Boanerges Balbino LOPES FILHO⁴
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

O ensaio teórico apresenta as trajetórias biobibliográficas de Izidoro Blikstein e Antonio Costella, que tiveram atuação destacada na área de comunicação. Busca-se destacar como as perspectivas dos autores avançam em direções interligadas e transdisciplinares, permitindo que suas ideias não só sejam ampliadas, convergindo em um panorama empírico e teoricamente coeso do porvir, mas proporcione um alentado debate a respeito das transformações nas formas de se comunicar na realidade contemporânea.

Palavras-chave: Biobibliografia. Sentidos. História. Comunicação. Legado.

Introdução

Notório perceber que os estudos sobre comunicação na atualidade têm apresentado diversas abordagens e problematizações a partir de reflexões transdisciplinares. Portanto, o ensaio teórico apresenta os percursos biobibliográficos de Izidoro Blikstein e Antonio Costella, ambos com atuação destacada na área de comunicação. As perspectivas dos autores avançam em direções interligadas e transdisciplinares, permitindo que suas ideias não só sejam projetadas, convergindo em um panorama empírico e teoricamente coeso do porvir, mas proporcionem um alentado debate a respeito das transformações nas formas de se comunicar.

Mesmo com formações acadêmicas distintas, Izidoro Blikstein e Antonio Costella abordam as realidades organizacionais, tanto jornalísticas, quanto empresariais, tendo a compreensão e o entendimento do processo de comunicação como condição

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Jornalista do IF Sudeste MG e mestrando do PPGCOM/UFJF, email: pedro.farnese@ifsudestemg.edu.br. Jornalista, mestrando do PPGCOM/UFJF, email: ademirveroneze@gmail.com

³ Jornalista, mestrando do PPGCOM/UFJF, email: ademirveroneze@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Jornalista, mestre e doutor em comunicação pela UFRJ, professor e coordenador de pós-graduação na UFJF. Email: bblopes@globo.com

sine qua non para o avanço de pesquisas que buscam oferecer perspectivas inovadoras e sustentáveis para a conquista de objetivos empresariais e educativos de nova ordem, consequentemente transformadores. Torna-se pertinente, então, a busca por olhares contributivos de áreas afins à da comunicação que se imbricam e, no bojo da complexidade, permitem elucubrações diferenciadas e singulares.

Mestre e doutor em linguística, Izidoro Blikstein, trata do papel da linguagem na fabricação da realidade, dos discursos político e empresarial, e da publicidade, mas sem perder a referência à expressão escrita e oral numa relação desafiadora com a comunicação nas organizações. Já as pesquisas de Antonio Costella, jornalista, advogado e escritor, envolvem estudos que atravessam as raízes históricas da liberdade de imprensa em nosso país até a internacionalização da comunicação e o papel das tecnologias.

Blikstein: Condição inicial da linguística e discursos

“O sujeito vai constituindo-se discursivamente, na medida em que aprende as vozes sociais que dão a conhecer a realidade em que vive, bem como suas inter-relações dialógicas” (BARROS e FIORIN, 2008). A trajetória de Izidoro Blikstein é um bom exemplo dessa passagem, pois tem relação direta com a conjuntura em que viveu durante a infância e adolescência. Nascido em 1938, no contexto da segunda guerra mundial, conviveu com todos os horrores daquela época, como o assassinato em massa de cerca de seis milhões de judeus durante o Holocausto.

Nesse contexto, o trajeto dele foi calcado em resistência e recusa ao totalitarismo, ao fundamentalismo, ao racismo, à xenofobia, à intolerância e a outros preconceitos. Tal posicionamento se reflete em sua produção acadêmica, na qual ele se dedica fortemente a processos formadores de discursos – inclusive os extremistas –, por exemplo. Envolve a análise linguística diacrônica, a semiologia discursiva e a retórica, com um interesse profundo pelo conteúdo discursivo e extremamente sensível ao poder da linguagem. Daí, acentuam Barros e Fiorin (2008, p.13), a preocupação de Blikstein com o papel da linguagem na fabricação da realidade, com o discurso político e empresarial, com a publicidade, e também com a expressão escrita e oral.

Sua atividade de docência e pesquisa está profundamente marcada pela investigação em três direções interligadas: a análise linguística diacrônica, a semiologia discursiva e a retórica. Seus estudos se relacionam aos discursos totalitários com forte preocupação pelo conteúdo da mensagem e têm a semântica em primeiro plano. Blikstein estudou o Holocausto com o objetivo de desvendar os regimes nazista, fascista e racista. Para ele, o discurso nessas condições é construído de palavras, e advém delas a força de qualquer regime de exclusão. Além disso, dedicou-se a pesquisar outras formas de dominação pela palavra, especialmente o discurso político e empresarial.

Vivendo a experiência histórica que viveu, Izidoro é extremamente sensível ao poder da linguagem. Com efeito, os modernos meios de comunicação, como os líderes nazistas e fascistas perceberam rapidamente, ampliaram consideravelmente o feito da palavra (...) Daí a preocupação de Izidoro com o papel da linguagem na fabricação da realidade, com o discurso político e empresarial, com a publicidade, mas, também, com a expressão escrita e oral. (BARROS e FIORIN, 2008, p. 13)

Outra contribuição de Blikstein é relacionada à tradução de importantes obras de autores precursores de correntes europeias dos fenômenos linguísticos e imagéticos. Por meio delas, estudiosos brasileiros puderam conhecer o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure; *Linguística e Comunicação*, de Jakobson; a *Semântica estrutural*, de Greimas; os *Elementos de semiologia*, de Barthes; e a *Semiologia e Comunicação Linguística*, de Eric Buyssens. Para Dilson Ferreira da Cruz (2008, p.182), essas obras foram decisivas para o desenvolvimento da linguística no Brasil. “Trata-se de obras fundamentais para as ciências que lidam com a linguagem e sua importância é tão grande que talvez fosse impossível imaginar o que seria dos estudos linguísticos no Brasil se não fossem as traduções de Blikstein para nos levar de uma margem a outra”.

Dentre as contribuições significativas para os estudos linguísticos e semiológicos no Brasil, realizadas nos últimos 30 anos, está o ensaio *Kasper Hauser* ou *A fabricação da realidade*. No desenvolvimento da obra, Blikstein discute a importância de se considerar o outro nas relações humanas e aponta que a inexistência dessas relações impossibilita o aprendizado e a apreensão do mundo. “A realidade se transforma em referente, por meio da percepção/ cognição ou da interpretação humana e

o referente será obrigatoriamente incluído na relação triádica símbolo (significante) – referência (significado) – referente (coisa ou objeto extralinguístico)” (1995, p. 46).

As pesquisas de Blikstein contribuíram, também, para a comunicação organizacional, inferindo parte de seus estudos nos conteúdos simbólicos das organizações, baseados na Semiologia e na Linguística. Buscava compreender a influência do discurso dentro da práxis administrativa, abordando a criação dos pronunciamentos gerenciais e o papel que essas falas desempenhavam na formação da cultura da instituição. Outro ponto destacado por ele são as maneiras pelas quais os discursos criam, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e dominação da sociedade.

Nesse sentido, Blikstein investiga a natureza dialógica do discurso e sua função no intuito de demonstrar como as falas manipulam os signos, por meio de uma narrativa marcada por estereótipos e incoerências semânticas. A manipulação pretendida pelo discurso empresarial, de acordo com Blikstein, é realizada pela técnica do silêncio a respeito de aspectos essenciais do conteúdo da mensagem. O pronunciamento procura, dessa forma, encobrir o essencial, dando ênfase a detalhes, tendo como objetivo gerar um efeito no destinatário, a fim de obter-lhe a colaboração ou resposta desejada.

O dialogismo e a polifonia permitem ao enunciador conduzir (ou não) o destinatário, de forma velada, sutil, implícita, para o efeito e resposta desejada. Os ingredientes geradores do efeito positivo (ou negativo) residem justamente no avesso, no não dito, no intertexto. (BLIKSTEIN, 2003, p. 160)

Para Blikstein, as organizações podem estar diante de um dilema de ordem ética: na obsessão de perseguir um efeito de sentido favorável para seus produtos e sua imagem, “o discurso empresarial pode comprometer-se com uma intertextualidade, cujas vozes nem sempre são portadoras de conteúdos propriamente éticos. Tal envolvimento poderá levar a formulações contraditórias e incoerentes que beiram, muitas vezes, o absurdo semântico” (2006, p. 9).

Formação intelectual e vida acadêmica de Antônio Costela

A formação inicial de Costella se deu como advogado. Tornou-se, na sequência, jornalista, escritor, professor e artista plástico. O “Professor Costella”, como é conhecido no meio acadêmico, publicou ao longo da trajetória diversos ensaios, centenas de artigos, mais de 30 livros, além de produzir obras de arte. Como professor universitário, atuou por mais de três décadas na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, na Escola de Comunicações e Artes na Faculdade de Direito da USP, na Universidade de Taubaté, na Faculdade de Música Santa Cecília de Pindamonhangaba, na Faculdade de Comunicação Objetivo, na Faculdade de Comunicações de Santos, no Centro Universitário Alcântara Machado (UniFIAM-FAAM) e na Escola Superior de Jornalismo do Porto, em Portugal.

Como docente e pesquisador, primava pelo cuidado e critério na aquisição de informações e o melhor uso delas. Para ele, levar aos alunos o entendimento da legislação destacando a aplicação da ética tinha e tem o intuito de que não se cometam delitos pela ignorância. Outra característica de suas aulas e orientações era explicar, ainda que basicamente, o funcionamento dos instrumentos usados na Comunicação. Segundo ele, quando se compreende aquilo que está sendo aplicado na prática, é possível usá-lo de maneira mais inteligente.

O jornalista e o comunicador necessitam de informações sobre o que pode ou não fazer, o que deve e o que não deve. É dele a função de conduzir sua profissão de maneira que não cometa delitos. Se ele os cometer, que o faça com o sentimento de que optou por isso e não por desconhecer o que seja ilícito. Assim como os cursos de Medicina e Engenharia têm uma disciplina de Direito para que o sujeito tenha noção das regras, das normas jurídicas dentro da sua área, acho que também na Comunicação isso é indispensável. Por outro lado, acredito que a história também é útil em qualquer área de atividade humana para que o indivíduo, no presente, compreenda melhor o modo como aquele segmento evoluiu até chegar ao ponto em que ele conhece na vida diária. Talvez isso ajude a encaminhá-lo para receber as inovações que forem se apresentando no futuro. Em relação à História eu sempre propus dar explicações, mais ou menos técnicas, mas não esotéricas. Explicações fáceis para qualquer pessoa entender. Por exemplo: mesmo não sendo engenheiro, também poderia entender como funciona um computador, uma televisão e os utensílios básicos que estão por trás de todos os engenhos modernos. É algo que eu sempre tentei passar para meus alunos porque convivemos hoje com muitas informações e possibilidades e, raramente, paramos para

perguntar: ‘como é que essa coisa funciona?’(COSTELLA, entrevista concedida em junho de 2016)

Em conteúdo comunicacional, a obra de maior destaque de Costella é “Comunicação - do grito ao satélite”, do ano de 1978, na qual aborda a história que antecede o jornal impresso, passando pelas telecomunicações e a informática. Trata da evolução vivenciada pelo homem a partir de uma sequência de acontecimentos históricos.

Ao longo da minha história, tenho feito várias palestras em que a temática é essa, os momentos fundamentais da história do homem sob a ótica da evolução da comunicação humana. Acredito que um dos grandes momentos da evolução humana foi, primeiro, o início da fala; segundo, a invenção da escrita; terceiro, a invenção da tipografia, quarto, o começo e a evolução sequente da comunicação eletroeletrônica, por volta de 1937, com o aparecimento do telégrafo; quinto, o momento este que estamos vivendo que é da comunicação digital, da internet. Considero este atual momento tão espantosamente revolucionário na história do homem quanto foram os quatro anteriores. (COSTELLA, entrevista concedida em junho de 2016)

Novos rumos da comunicação

Na contemporaneidade, de acordo com Massimo Di Felice (2012), a humanidade estaria enfrentando uma nova revolução comunicativa – no seio da qual estão as tecnologias digitais – que se desdobra em transformações dos distintos aspectos do convívio humano. Na perspectiva comunicacional, isso implica em um acesso facilitado à informação e a produção de conteúdo sobre aquilo que se vê, pensa e opina.

As relações entre pessoas e com as diversas organizações também passam por ingerências, pois essa “potencialidade” do público de ofertar sentidos requer um comportamento mais atento sobre o que está sendo dito e o que isso pode gerar quando se pensa em reputação. Para Blikstein, essa realidade provoca profunda transformação nos modos de percepção e de apropriação da realidade. Segundo ele, tais mudanças são previsíveis; a novidade reside na velocidade com que vêm ocorrendo e na instantaneidade da relação comunicação- resposta.

A realidade se estabelece em interface com o campo da legislação. Para Costella, o Direito da Comunicação regula a existência e a atuação dos veículos de

comunicação, atribuindo-lhes direitos e deveres. E, na atualidade, tais normas tendem a ser revistas, alteradas e ampliadas. Por enquanto, o Direito da Comunicação encontra-se difuso na Constituição; em leis específicas para a área da Comunicação - como as reguladoras da telecomunicação - e não específicas da área que constam em artigos do Código Civil, do Código Penal, do Código de Defesa do Consumidor, do Código Eleitoral e do Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros.

O autor salienta a necessidade de se pensar em um novo código específico para abarcar as novas tecnologias de comunicação e informação que garantam uma comunicação globalizada em que potencialmente todos os usuários, indivíduos e organizações, são produtoras ou replicadoras de conteúdos. Foi, portanto, com um olhar à frente de seu tempo, que Costella pôde antever esse cenário:

Embora ainda tenro, o Direito da Comunicação tem demonstrado um extraordinário viço. O notável incremento dos meios de comunicação no mundo contemporâneo vem gerando múltiplas relações novas, tanto no âmbito interno, quanto no internacional, solicitando e impondo a cada instante, mais e mais, a atuação inventiva do legislador. (COSTELLA, 1976, p.9)

Na visão de Costella, o comunicador deve conhecer os direitos e deveres de sua prática, bem como a história dos meios de comunicação, o que supõe a realização de um processo formativo – seja de graduação ou de especialização – que atenda a essas expectativas fundamentais. Adquirir esses conhecimentos, refletir sobre as práticas comunicacionais e familiarizar-se com os meios para além de seus respectivos funcionamentos técnicos consistiriam, assim, em uma vantagem. A outra face disso, a desvantagem da exigência de um curso de formação, seria a de restringir a liberdade de expressão, o que de certa maneira resultou na decisão do STF (2009) em revogar a exigência do diploma na exigência para a formação de jornalistas.

Conteúdo da mensagem

"É preciso pensar na lógica do conteúdo da mensagem, no que é relevante transmitir e no modo de fazer isso, bem como na resposta que se espera do interlocutor", afirma Blikstein (ENTREVISTA concedida a um dos autores em 2009). Ele avalia que,

embora as organizações tenham a possibilidade de contar com extraordinárias ferramentas de comunicação (entre elas, as redes sociais digitais), é comum se instalar uma crise provocada pela inobservância do conteúdo da mensagem – tanto por parte de seu autor, quanto do destinatário, que frequentemente não sabe o que fazer diante dela.

A melhor maneira de superar essa crise, na opinião de Blikstein, é educar as pessoas para a comunicação – um tipo primordial de conhecimento e de habilidade, na concepção do pesquisador. Ele adverte que se trata de uma tarefa árdua e contínua: “assim como o movimento do mar, as ondas de disparates e de ilogicidades vão e voltam. É uma característica da condição humana, a acomodação do modo de pensar em estereótipos, em padrões já paradigmáticos. Mas é preciso gerar sempre uma resistência à acomodação.” (ENTREVISTA concedida a um dos autores em 2009). Tal resistência fomentada pelo conhecimento e habilidade em comunicação começa, nas palavras do autor, indubitavelmente na consciência semiótica. “É a consciência de signos, símbolos, sinais, indícios e índices à nossa volta” que deve ser propiciada pelo comunicador nos âmbitos corporativo, acadêmico e na sociedade em que vive, de modo geral.

Essa abordagem também está explícita na sexta edição do livro “Comunicação - do Grito ao Satélite”, publicada por Costella em 2014. Ele ressalta a importância da mensagem constituída em formato de hipertexto, que ele considera como o padrão para a organização de textos e imagens no novo mundo virtual, o ciberespaço. “Embora, tradicionalmente, as narrativas humanas escritas sigam uma sequência linear, a inter-relação não linear dos conceitos ajusta-se bem à forma de o ser humano pensar” (COSTELLA, p. 229), pondera o autor.

O sistema de hipertexto permitiu a coleta de informações em websites de todo o mundo por meios de *links* (ligações) entre elas e a criação de buscadores eficientes que operam a partir de palavra/assunto. Procurar endereços de site em um rol alfabético, como o faria para encontrar um número em uma lista telefônica, é simplesmente algo impensável para os usuários de hoje. E instrumentos inovadores já fornecem, além da indicação de sites, respostas com completude a questões concretas. Outro marco, para

Costella, é a criação de uma enciclopédia online escrita de maneira colaborativa, a Wikipédia.

Descortinar o ciberespaço definindo-o como um novo mercado movido pela publicidade custeadora dos serviços franqueados gratuitamente aos internautas. Para isso, Costella aponta que a internet tem sido utilizada por 40% da população mundial e que um número crescente de pessoas tem se apropriado dela como veículo de compra. Essa expressividade econômica é evidente também pelo surgimento de grande quantidade de empresas devido à simples existência da internet - prestando serviços que antes não existiam ou vendendo produtos ligados ao ciberespaço - e pelo incremento da comercialização de ações nas bolsas de valores, inclusive a Nasdaq, fundada nos Estados Unidos para negociar ações das empresas de tecnologia, especificamente. A internet é um recurso ainda mais valioso para o e-comércio por possibilitar às empresas pesquisas de perfis e tendências de consumidores no ciberespaço. E com a transição de jornais e revistas impressos para o mundo digital, bem como a produção de conteúdo das emissoras de TV também voltada para ele, tudo parece convergir nessa mesma direção.

Para além da relevância econômica, Costella (2014) percebe outras mudanças advindas do ciberespaço. Uma delas é a constituição de redes sociais digitais, ambientes eletrônicos interativos que fomentam o compartilhamento de informações e que, segundo o autor, "fazem repensar e reavaliar as tradicionais vias de formação da opinião pública". Ele corrobora o fato citando um editorial publicado no jornal O Estado de S. Paulo: "Afinal, os jovens não se sentem representados por nenhuma instituição e desconfiam de todas. Tampouco a imprensa lhes merece crédito. Consideram-se mais bem informados pelos seus pares das redes sociais do que pela mídia. É também na internet que encontram argumentos para as suas críticas, colhem e se prestam solidariedade, cimentando a coesão grupal".

Bliknstein vai ao encontro das ideias de Costella ao afirmar que na era digital, cheiros, gestos, imagens, sons e outras tantas linguagens se aglutinam e perpassam umas às outras. Mas, para que constituam discursos veementes, dos comunicadores exigem-se versatilidade e sólida formação.

“O comunicador tem de ter um vasto repertório, cultural, de conhecimentos gerais e conhecimentos de ordem sociológica, antropológica, filosófica, ética, estética, linguística e semiótica; porque a comunicação é um ato complexo que envolve todas essas dimensões do ser humano.” (ENTREVISTA, 2009, concedida a um dos autores)

Nesse sentido, assume-se como condição essencial para o comunicador o desenvolvimento aguçado de sua percepção – sobre as pessoas com quem lida e do mundo em que se encontra – e de sua autopercepção – referente a seu próprio perfil e atitude. Cumprida essa condição, o profissional de comunicação alcança autoconhecimento, se situa neste mundo pós-moderno e consegue realizar, de maneira transparente e ética, uma educação voltada para a comunicação.

"É fundamental, portanto, valorizarmos esse espaço construído pelos signos, pois é por meio dele que podemos reagir socialmente e persuadir os outros de nossa competência, por exemplo", acrescenta Blikstein (ENTREVISTA, 2009, concedida a um dos autores). Ao decifrar signos e encontrar no avesso dos discursos a verdadeira significação deles, Blikstein diz que se cumpre, ainda, a função estratégica de filtrar discursos vazios que têm proliferado juntamente com os novos mecanismos interativos via internet.

Tendo isso em vista, Blikstein defende que estar presente nas redes sociais digitais, construindo vínculos por meio delas, é indispensável para a sobrevivência profissional do comunicador. O autor sinaliza, contudo, que esse profissional deve dar primazia ao conteúdo das mensagens. Para ser realmente um líder na área de comunicação, faz-se necessário que ele esteja a par do que é veiculado na internet e busque conhecimento e inspiração em manifestações artísticas e filosóficas. “As artes conseguem transmitir de maneira econômica – metafórica e metonímica – aquilo que o discurso cotidiano às vezes não consegue.” Deve ser assim caso a organização assim o queira porque, como lembra Blikstein, muitas escolhem a comodidade de se refugiar no discurso desastrado, sem lógica, sem o pé na realidade; mas que frequentemente acaba encantando o imaginário das pessoas.

Considerações Finais

Extremamente sensível ao poder da linguagem, Blikstein refletiu sobre os modernos meios de comunicação e destacou que eles ampliam consideravelmente o efeito da palavra. Daí a sua preocupação com o papel da linguagem na fabricação da realidade, com o discurso político e empresarial, com a publicidade, e também com as expressões escrita e oral. Essa perspectiva vai ao encontro das ideias de Costella, quando ele volta sua atenção para a apropriação dos meios de comunicação em seu potencial tanto de aproximar os seres humanos, de um lado, como de se configurar em “arma de uma guerra” midiática e psicológica pela conquista da opinião pública.

Ambos ressaltam que o ser humano está profundamente marcado pelo ambiente em que se constitui sua consciência. Aquela que se constrói na comunicação social, ou seja, na história. Por meio das interseções dos pensamentos – algumas das quais apontadas neste trabalho – pode-se considerar que a possibilidade de inovação e adaptação das organizações deve focalizar não apenas o incremento de novas tecnologias de comunicação, mas também a dimensão humana da comunicação, o que pode configurar diferencial estratégico e vantagem competitiva. Em suma, para todos os casos, é a ética e o bom senso que devem caracterizar o uso responsável e benéfico dos meios de comunicação que, em si mesmos, não são bons nem maus, mas úteis.

Referências Bibliográficas

BLIKSTEIN, Izidoro. **Dialogismo e Intertextualidade nas Comunicações Administrativas: Análise Linguístico-semiótica**. Cognitio nº 4, ano 2, dezembro de 2003.

_____. **Fernando Motta, Superlativos e o Discurso das Organizações Administrativas**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 30., Salvador/BA, 2006.

_____. **Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade**. São Paulo, Cultrix, 1995.

BONEFF, Alfredo; VERONEZE, Ademir. Colaboração: GONÇALVES, Maíra; BRASIL, Malu. **Um aventura semiológica**. RJ: Casa do Cliente Comunicação 360°. Revista Comunicação 360° (ISSN 1809-5704). Edição 13 de dezembro de 2009.

COSTELLA, Antônio Fernando. **Direito da Comunicação**. São Paulo Ediotra Revista dos Tribunais, 1976.

_____. **Entrevista concedida a Pedro Farnese**. Campos do Jordão - Juiz de Fora, 5 jun. 2016.

CRUZ, Dilson Ferreira da. **Isidoro Blikstein ou a fabricação de pontes semióticas**. IN: BARROS, Diana Luz Pessoa de; e FIORIN, José Luiz (orgs.). **A Fabricação dos Sentidos: Estudos em Homenagem a Izidoro Blikstein**. São Paulo, Paulistana, 2008, p. 181-198.

EDITORIAL. **Vontade de Falar**. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 2013.

FELICE, Massimo de. Auréola Digital: a crise dos pontos de vista centrais e o fim do direito exclusivo da edição. In: OLIVEIRA, Ivone de Loudes; MARCHIORI, Marlene (Org) **Redes Sociais, Comunicação, Organizações**. São Paulo: Difusão Editora, 2012, p. 147-166.